

## UM AFETO MAIOR QUE A SAUDADE

José Francisco Guelfi Campos<sup>1</sup>

**S** em receio, admito que escrever este breve depoimento a respeito de Ana Maria Camargo foi, até agora, a tarefa mais difícil que enfrentei. Custou mais escrever esta meia dúzia de páginas do que as quatrocentas de uma tese de doutorado, não por falta de conteúdo, justo o contrário: ao longo dos dezesseis anos de convívio com Ana, tive a felicidade de colecionar um sem-número de boas lembranças. Foi duro selecioná-las, organizá-las, dar a elas encadeamento e sentido. Tentei ordenar minhas recordações no curso da passagem do tempo, mas falhei na cronologia - o tempo da emoção não coincide com o calendário. Acho por bem pedir desculpas pelo texto fragmentado, dividido em *flashes* ao sabor do zigue-zague da memória, sinuosamente

---

<sup>1</sup> Professor da Escola de Ciência da Informação, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Diretor de Arquivos Institucionais da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi orientado por Ana Maria Camargo durante a graduação em História (2007-2011), o mestrado (2012-2014) e o doutorado em História Social (2014-2018), na Universidade de São Paulo. Interessa-se especialmente por arquivos pessoais, descrição e tipologia documental, temas sobre os quais vem publicando trabalhos no Brasil e no exterior. Contato: [jfgcampos@ufmg.br](mailto:jfgcampos@ufmg.br).



complementado por notas de rodapé às quais, talvez por vício de formação, não pude resistir.

## **TODOS OS LIVROS QUE VOCÊ QUISER...**

“Hoje eu vou fazer com você uma coisa que é o sonho de toda criança: vamos lá ver os livros e você pode escolher todos que você quiser!”. Eu vinha de carona com a Ana, voltando de uma reunião numa instituição cultural onde desenvolvíamos um projeto da ARQ-SP. Aquele havia sido um dia especialmente difícil e, ao longo do trajeto, lamentávamos o estranho rumo que vinha tomando aquele projeto que prometia ser tão interessante. Quando Ana estacionou seu “pejozinho” azul<sup>2</sup> na vaga de sempre, bem de frente para o saguão do prédio do Departamento de História da USP, avistamos uma feira de livros. Seus olhos brilharam e, instantaneamente, vi brotar uma empolgação genuína. Foi então que, para levantar o astral, ela teve a ideia de rodarmos juntos pela feira e me presentear com os livros que eu escolhesse. Contou-me que isso era algo que seu pai costumava fazer com ela ainda criança, quando iam juntos à livraria. O efeito, contudo, foi um pouco diferente do esperado. Fiquei encabulado, com receio de abusar de sua boa vontade, de sua generosidade. À medida que circulávamos pela feira, banca por banca, a Ana perguntava, meio desapontada: “Poxa, mas você não quer nada *mesmo*?”. Saldo final: escolhi três livros, para não fazer desfeita. Ana, empolgadíssima, saiu com três sacolas abarrotadas.

---

<sup>2</sup> Não faz muito tempo, Ana Célia Navarro, Lílian Miranda, Malu Ferreira e eu vivenciamos uma situação de certo modo absurda. Voltávamos do ato “A Presença de Ana Maria de Almeida Camargo”, realizado em dezembro de 2023 no Centro Cultural MariAntonia da USP, quando nos vimos engajados em acalorada discussão sobre a cor do carro de Ana Maria. Afinal, era prata ou era azul? No frigir dos ovos, isso não tem a menor relevância.



## ADONIRAN E A DESCOBERTA DE UMA PAIXÃO

Meu caminho se cruzou com o de Ana Maria na USP, em 2007. Ela foi minha professora de Metodologia da História, no segundo semestre da graduação<sup>3</sup>. Àquela altura, eu já tinha vontade de fazer iniciação científica, mas minhas ideias ainda estavam muito confusas e eu não sabia bem por onde começar. Um dia, tomei coragem e pedi para conversar com ela no final da aula. Ela me ouviu, com toda paciência, e pediu que eu pensasse em dois temas. E me passou um dever de casa: para cada um dos temas, eu deveria formular uma pergunta em, no máximo, meia folha de papel. Na semana seguinte, mostrei a ela os meus rascunhos. Ana gostou de um dos temas, indicou leituras e me ensinou a escrever um projeto, sugerindo que pleiteássemos uma bolsa na FAPESP. Foi assim que começamos a trabalhar juntos. Pelas mãos da Ana, eu descobri os arquivos, mas ainda levou algum tempo para que eu me apaixonasse por eles.

A paixão só foi brotar um pouco mais tarde, quando Ana me ofereceu uma bolsa para participar de um laboratório que ela coordenaria na ARQ-SP. O objetivo era organizar e descrever o arquivo de Adoniran Barbosa<sup>4</sup>. Esta experiência foi fundamental na minha formação e selou, decisivamente, meu interesse pela Arquivologia e minha admiração pela Ana. Ao final do curso, o arquivo estava organizado, mas ainda faltava fazer a revisão da descrição e dar forma ao instrumento de pesquisa. Eu me dispus a ajudar a terminar o trabalho e, durante as férias, trabalhei diariamente com Ana conferindo as fichas de descrição, revisando os documentos e refinando a cronologia

---

<sup>3</sup> Vale registrar uma curiosidade sobre o primeiro dia de aula. Ana entrou na sala pontualmente às 14 horas, apresentou-se e apresentou também o programa da disciplina e o tema escolhido para o curso daquele ano: o Motim do Vintém (a cada ano, Ana escolhia um tema para trabalhar com os alunos, a respeito do qual preparava uma coletânea de fontes com a qual trabalhávamos durante todo o semestre e que instrumentalizava os exercícios que fazíamos a cada aula). Falava baixo e num tom quase cerimonioso. Em seguida, distribuiu um questionário a cada aluno. Já não me recordo exatamente de seu conteúdo, mas lembro-me de que continha perguntas sobre nossa idade, formação escolar e preferências artísticas e literárias. Na semana seguinte, Ana iniciou a aula traçando um perfil detalhado da turma. Na última aula do semestre, distribuiu aos alunos um presente: a cópia xerocada do primeiro capítulo de *A evolução do capitalismo*, de Maurice Dobbs.

<sup>4</sup> O laboratório, realizado em 2010, reuniu um grupo de vinte alunos, oriundos das mais variadas áreas de formação e com os mais diversos graus de experiência com arquivos. Mais tarde, em 2015, Ana me convidou para auxiliá-la na coordenação do laboratório para organizar e descrever o arquivo da cantora lírica Julieta Telles de Menezes, cedido pelo IEB-USP à ARQ-SP especialmente para aquela experiência didática.



que constituiria o eixo central do inventário. Todos os dias, a Ana levava um saco de mexericas, minha fruta preferida, que comíamos nos intervalos. Ao longo daquele mês, tive o privilégio de ter verdadeiras “aulas particulares” de Arquivologia com Ana Maria. Seu entusiasmo me contagiou e com ela aprendi a base de tudo o que eu sei sobre arquivos.

O trabalho com o arquivo de Adoniran determinou também uma transformação na minha relação com Ana Maria. Com a convivência diária, fomos desenvolvendo uma amizade. No fim da tarde, concluído o expediente, Ana costumava me dar carona até o metrô, na Avenida Paulista. Quase sempre, fazia um convite: “Você não quer parar lá em casa e tomar um prato de sopa?”. Passei a frequentar sua casa, onde me nutri de sua imensa biblioteca<sup>5</sup> e das delícias preparadas por Alice: bacalhau gratinado, rocambole de carne, lagarto assado com batatas coradas, cuscuz paulista, carne seca desfiada com cebola...

## **AS MANIAS DA ANA MARIA**

Ana começou a me levar junto nas consultorias que ela prestava. Um tempo depois, passou a dividir alguns desses trabalhos comigo. Numa dessas ocasiões, em São Carlos, saímos para almoçar e descobrimos o picolé de limonada suíça de uma marca local<sup>6</sup>. Toda hora Ana queria mais um e perdi as contas de quantos tomamos nos dois dias em que estivemos na cidade! Ana era assim, fascinava-se com coisas simples e as transformava em mania. Algumas, passageiras, como quando se encantou por Melona, sorvete vendido no bairro da Liberdade, que comprava às dúzias e me oferecia quando

---

<sup>5</sup> Ana era uma compradora compulsiva de livros. Quase que diariamente, chegavam pelos correios novos volumes para a sua biblioteca. Certa vez, mostrou-me um bonito relógio de pulso que lhe havia sido presenteado pela Livraria Cultura, sob justificativa de ser ela, em suas palavras, “uma boa freguesa”. Um dos quartos dos dois enormes apartamentos que ocupava no segundo andar do Edifício Devisate era especialmente destinado aos livros e periódicos de Arquivologia. Passei horas naquele ambiente, encantado com os livros. Ana pedia que eu separasse todos os que me interessavam e tirava xerox deles para mim. Próximo à entrada de um dos apartamentos, Ana isolou um espaço ao qual se referia como “a salinha das duplicatas”, onde guardava os livros que tinha em duplicidade. Uma de suas satisfações, ao receber visitas, era mostrar a tal salinha (que, na verdade, consistia num armário) e deixar que o visitante escolhesse os livros que quisesse levar de presente.

<sup>6</sup> Sorvetes Bêjo, esta é a marca dos tais picolés. Quando em São Carlos, vale a pena prová-los.



chegava cedinho em sua casa, ela abrindo a porta já com um picolé na mão. Outras, mais persistentes, eram mesmo paixão. Ana amava papelaria e artes gráficas, tinha em casa uma oficina completa, com toda sorte de ferramentas e equipamentos de encadernação, além de um estoque imenso de papéis especiais (“uma profusão de papéis”, como ela dizia, orgulhosa). Tinha uma coleção enorme de cadernos e diagramava todos os anos suas próprias agendas, que gostava de imprimir em papel pólen. Em 2012, fiz com ela a minha primeira agenda, repetindo o ritual nos anos seguintes.

Seu apreço pelas artes manuais convivia com o grande interesse que nutria pela tecnologia. Certa vez, ela me contou que um colega de departamento havia trocado seu MacBook por um modelo mais novo, muito mais fino, ao que emendou: “Agora eu *preciso* trocar o meu, porque eu não posso ficar pra trás!”. Achei que fosse brincadeira, mas para ela era uma espécie de competição que, declarada ou não, ela levava a sério. Recentemente, seu novo xodó era um iPad Pro de 13 polegadas, que usava principalmente para leitura e para assistir a filmes e séries<sup>7</sup>. Ana andava animada com experimentos que vinha fazendo com a plataforma Tainacan, visando à atribuição de múltiplos contextos e categorias classificatórias aos documentos, como também a possibilidade de atrelar um mesmo item a conjuntos de diferentes proveniências, na esteira das reflexões que vinha consolidando nos últimos anos a respeito da dilatação da noção de arquivo e da concepção de projetos descritivos independentes das normas nacionais e internacionais. Uma das coisas que mais me fascinavam em Ana era o arrojo e o pioneirismo de suas ideias. Já de algum tempo, vinha afirmando, não sem causar espanto em quem a ouvia, que “o mundo não se divide entre fundo e coleção”.

---

<sup>7</sup> Em nosso último encontro, em agosto de 2023, Ana me contou que quando a IBM anunciou a venda da máquina de escrever elétrica, ela correu para adquirir o equipamento: viu o anúncio no jornal, no fim de semana, e na segunda-feira seguinte já estava na porta da loja esperando para comprar a sua. Rindo, contou-me também que quando começou a usar computador, ainda continuou por um bom tempo escrevendo seus textos à mão, a modo de rascunho, e só depois os digitava, como que para passá-los a limpo.



## A PERSPECTIVA DO PONTO FINAL

Seguimos trabalhando juntos em consultorias, projetos da ARQ-SP e também na pesquisa. Ana me orientou em duas iniciações científicas, no mestrado e no doutorado. Com ela aprendi que a pós-graduação não precisa ser um rolo compressor, lição que hoje procuro transmitir aos meus orientandos. A pesquisa é, sem dúvida, um exercício exaustivo, que demanda compromisso e rigor, algo de que Ana jamais abriu mão. Mas, ao mesmo tempo, aprendi com Ana que esse percurso pode ser percorrido com leveza, prazer e entusiasmo pela descoberta. Para mim, o difícil não foi escrever e defender uma tese, mas encarar a perspectiva do ponto final. Uns meses após a defesa, Ana veio a Belo Horizonte. Fui buscá-la no aeroporto e, no trajeto até o hotel, contei a ela que eu me sentia sem rumo, bloqueado, esvaziado de ideias. Ana diagnosticou uma “depressão pós-parto”, mas o que eu tinha mesmo era medo de que a conclusão do doutorado implicasse um distanciamento entre nós.

Felizmente, isso não passou de um medo bobo. Continuamos trocando nossas figurinhas por *e-mail*, em longos telefonemas e nos visitando sempre que possível. Ana esteve algumas vezes em Belo Horizonte e quando eu ia a São Paulo, o que costumo fazer com bastante frequência, sempre marcávamos de nos encontrar. Ana me recebia em sua casa para deliciosos almoços que se estendiam pela tarde toda, com direito a umas boas taças de vinho, embora eu também aceitasse a Coca-Cola que ela, por elegância, dizia comprar só pra mim e para a Ana Célia. Nesses encontros conversávamos, obviamente, sobre arquivos, mas também sobre outras afinidades, descobertas com o tempo: séries de TV, literatura, música, animais de estimação...<sup>8</sup> Coincidíamos no gosto pelos romances policiais, na predileção por autores latino-americanos<sup>9</sup> e no interesse pelas séries e filmes inspirados em crimes reais. Na conta das

---

<sup>8</sup> Ana tinha verdadeira paixão por cachorros. Teve vários ao longo da vida, dos quais conheci Graxa, uma exótica bull terrier, e Mosquito, vira-lata pernalto, de olhar surpreendentemente expressivo, que Ana adotou na época do laboratório com o arquivo de Adoniran Barbosa, batizado em homenagem ao cachorro de estimação do sambista.

<sup>9</sup> Entre os autores sobre os quais trocávamos muitas figurinhas estão o cubano Leonardo Padura, a argentina Claudia Piñeiro e a colombiana Pilar Quintana. No nosso último encontro, Ana me contou de suas leituras mais recentes. Entre elas, tínhamos mais uma em comum: *O parque das irmãs magníficas*, de Camila Sosa Villada.



divergências, anote-se a polêmica a respeito da melhor interpretação de “*Ne me quitte pas*” – para ela, Nina Simone; para mim, Maysa.

A convivência ao longo de dezesseis anos revelou certas qualidades de Ana Maria que gostaria de destacar, as quais certamente se verão confirmadas nos demais depoimentos coligidos nesta edição especial. Uma delas é o senso de humor. Ana tinha um acervo de casos engraçadíssimos e uma habilidade única para narrá-los. Enquanto os contava, era capaz de rir e sustentar o tom de voz contido e sóbrio que lhe era característico, o que só os tornava ainda mais engraçados. Outra, a generosidade. Ana tinha o dom do acolhimento, do afeto: quando soube que na infância eu havia tido uma única festa de aniversário, preparou, com a ajuda da querida Hilda, uma festa-surpresa com direito a bolo, brigadeiro, salgadinhos e refrigerante. E como não mencionar a generosidade em seu tipo mais nobre e também mais raro no meio acadêmico, a generosidade intelectual? Não era apenas a sua casa-biblioteca que Ana colocava à disposição dos amigos, alunos e orientandos, mas toda sua vastíssima experiência, suas reflexões e até mesmo as inúmeras ideias que tinha para futuros projetos de pesquisa. O bom gosto e a elegância eram outras características marcantes, traduzidas no capricho com que adesivava seus *laptops*, nas ilustrações que escolhia para as capas dos cadernos que produzia, no trato com as pessoas, no tom de voz, na postura e, sobretudo, na escrita. Ana imprimiu aos seus textos um estilo inconfundível, plasmando concisão e densidade, dois elementos de muito rara conciliação, em argumentações sempre rigorosíssimas.

## **A JANELA ILUMINADA NA ESQUINA DA NOVE DE JULHO**

Olho ao meu redor e percebo que Ana Maria está presente por todos os lados: em muitos dos livros que habitam minhas estantes, nos cadernos de sua coleção com os quais me presentou, na espátula de marfim adornada no topo com o entalhe de uma ave que trouxe de uma de suas várias idas a Moçambique, numa gravura com que me presenteou alguns Natais atrás e que ornamenta uma das paredes da minha casa... Mas Ana não está presente apenas nas coisas, muito mais intensa é sua presença dentro de



mim. Ana me formou como historiador, como profissional de arquivo, como pesquisador. E também como gente, como ser humano<sup>10</sup>. Ana está presente quando preparo minhas aulas, evocando o que aprendi com ela acompanhando suas aulas na graduação como aluno e como monitor de uma de suas disciplinas. Está presente cada vez que me sento diante do computador para escrever, mirando na sofisticação de seu estilo que sei que não serei capaz de atingir. Está presente toda vez que converso com meus alunos, procurando acolhê-los sem reservas ou julgamentos.

Quando acontecia de passar à noite pela Avenida Nove de Julho, eu esticava o pescoço pela janela do carro para olhar as janelas do apartamento da Ana. Quase sempre, via as luzes de seu escritório acesas e sentia um alívio. Ana estava lá e isso me dava uma sensação de segurança. Se as luzes estavam apagadas, batia um receio. No dia seguinte, telefonava para ela assim como quem não quer nada, só para saber se estava tudo bem. Dói muito saber que não vamos mais almoçar juntos, que não vou mais ouvir sua voz do outro lado da linha: “Oi, Zé! Você tá bom?!”. Dói saber que não verei a potente lâmpada de seu escritório iluminando a esquina da Nove de Julho com a Alameda Itu. Ana não está mais lá. Fica latejando no peito um vazio imenso. Mas pulsa também o alento de um afeto que é muito, muito maior que a saudade.

Belo Horizonte, abril de 2024.

---

#### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.



---

<sup>10</sup> Quando concluí a graduação, Ana me presenteou uma belíssima edição limitada de *Coração*, de Edmondo de Amicis, clássico romance de formação que aborda a passagem da infância para a adolescência exaltando a ética, a solidariedade e a cidadania.